

ENTREVISTA PAIS HEFESTO

- 4 elementos

- 1h 15 minutos

<p>EU- Vamos então à apresentação. Dizem o nome, a profissão e as habilitações que têm; depois os vossos filhos, em que ano andam e em que área, e se eles já tiverem ideia do que querem ser, podem adiantar isso. E ainda gostava que dissessem se têm funções representativas, ou não representativas...Sei lá, o colaborarem nalgum projecto...</p>	RSI
<p>HP1 – Sou Presidente da Associação de Pais da Hefesto, sou advogada e tenho também outros cursos...Tenho o curso de Ciências Documentais da Faculdade de Letras, especialização em Arquivo... E acho que não preciso de dizer mais nada...</p>	RSI
<p>EU- Então e o educando ou educanda?</p>	
<p>HP1 - O meu educando está no 12º ano, está a sair. Também estou no Conselho Pedagógico em representação da Associação de Pais da Escola.</p>	CG
<p>EU- Só no Pedagógico? No Conselho Geral é outra pessoa?</p>	CG
<p>HP1- No Conselho Geral Transitório não podem ser as mesmas pessoas, portanto são outras pessoas.</p>	CG
<p>EU- Então e ... já me esqueci como se chama o filho...</p>	
<p>HP1- O Vasco.</p>	
<p>EU- O Vasco quer ser o quê?</p>	
<p>HP1- O Vasco gosta muito de matemática e ainda não sabe para que é que há-de ir. Quer ir para matemática, quer ir para electrotécnica...Quer ir para muita coisa!</p>	RSI
<p>HP2 – Eu sou engenheira agrária, também estou na Associação de Pais e sou Presidente da Assembleia Geral e o meu educando também está no 12º ano, está a sair e sabe muito bem o quer. Está em Artes e a única dúvida dela é se é Pintura ou se é Escultura.</p>	RSI
<p>EU- E em relação à Faculdade?</p>	
<p>HP2- Vai para Paris, vai estudar para Paris, por opção própria, também... É uma pessoa determinada.</p>	RSI
<p>EU- Será que esta escola também fez alguma coisa por isso, por essa determinação dela?</p>	
<p>HP2- Eu gosto desta escola. Gostei desta escola desde o início e o primeiro impacto, transmitido pela Helena, chama-se Helena, foi que “ali não somos meninos; ninguém anda atrás de nós; somos pessoas, somos adultos, e ninguém anda a querer saber se fizemos os deveres, se não fizemos, como na minha escola anterior”. Foi a grande diferença da escola anterior, do 9º para o 10º.</p>	CQ

EU- A escola anterior dela foi...	
HP2- Foi a AG, mas é outro esquema de funcionamento. E a idade também é outra. O grande salto foi este.	RSI
HP3 - Também faço parte da Associação de Pais desta escola. Faço parte também de outras Associações de Pais de outras escolas. Também faço parte do Conselho Transitório de outro Agrupamento de Escolas, porque tenho vários filhos a estudar...	RSI
EU- Tem quantos?	
HP3- Três.	RSI
EU- Todos na escola, um em cada uma...	RSI
HP3- Um em cada uma. Aqui na Hefesto faço parte da Associação de Pais. Anda cá o mais velho, no 12º ano e que só frequentou um ano esta escola e de facto com muita pena dele e minha, porque gostou muito de frequentar esta escola. E como de facto podemos comparar...	CQ
EU- Podemos adiantar as razões que o levaram a vir da outra escola para esta...	
HP3- Bem, ele andava numa escola do meio rural, em Montemor-o-Velho, e como todas as escolas do meio rural, são mais pequenas, com um envolvimento diferente que esta não tem, o que levou a mudar também...	CQ
EU- Qual o curso dele?	RSI
HP3- Ele está virado para as ciências; também gosta muito de matemática e de toda a parte mais virada para as ciências exactas e tenciona seguir engenharia civil em primeira opção.	RSI
EU- A sua profissão?	
HP3- Sou também engenheiro agrícola...	RSI
HP2- Trabalhamos no mesmo sítio.	RSI
HP3- E também gostei. Gostei de colaborar e pela comparação que posso fazer em termos de associativismo das escolas às quais pertenço aos órgãos, gostei muito de trabalhar aqui na Hefesto. É um envolvimento diferente e, embora haja alguma dificuldade em reunir o número de pais suficientes para que possamos trabalhar, o envolvimento é diferente nas pessoas que aparecem. E também considero que os pais são ouvidos pelos órgãos de gestão da própria escola, enquanto que nas outras escolas não há uma facilidade de relacionamento tão grande quanto aqui.	CP
EU- Esse é um dos assuntos que quero explorar e podemos já pegar aí. Portanto, quando fala que aqui há mais envolvimento ou mais facilidade de envolvimento, como é que podemos traduzir isso em termos mais concretos? A voz dos pais é mais ouvida?	
HP3- Não só mais ouvida, mas somos mais chamados a intervir. Por norma, e também aqui há de facto um pouco do trabalho da Presidente da Associação, por norma mantém-nos informados da agenda do Conselho Pedagógico, do Conselho Geral Transitório. Enquanto que nas escolas do	CP

meio rural a que, como disse estar mais ligado, a situação não é tão clara. Os pais muitas vezes vão, porque têm que estar presentes, mas a sua opinião não é tão válida quanto aqui.	
EU- Então vamos à HP1 e saber já como se faz essa representatividade. A Associação tem quotas e tem sócios?	CP
HP1- Portanto, nós fazemos a “propaganda”, digamos, da Associação sempre que há reuniões. Por vezes, quando se faz a convocatória da reunião, manda-se um papel a solicitar que as pessoas se associem...Solicitamos à escola que faça a distribuição no início do ano. Muitas vezes também entregamos à escola o material e eles fotocopiam e distribuem, o que ainda leva dinheiro... E é uma escola com muitos alunos e nós pedimos sempre que seja dado a todos os alunos. No Conselho Executivo, as pessoas sempre foram simpáticas e acho que é importante salientar, porque muitas vezes pode-se querer que os pais participem, mas não se tem a necessária habilidade para motivar os pais e para os fazer sentir confortáveis... Há sempre o problema das pessoas se sentirem um pouco rejeitadas e aqui penso que não se sente isso. Há um trato fácil e ouvem-nos e tentam resolver o problema.	CP/ CG
EU- Entre os membros da Associação circula a informação, como disse o HP3, mas e com os outros pais?	
HP1- Temos os representantes dos pais das turmas. Nós solicitámos ao Conselho Executivo que nos marcasse uma reunião com eles e apareceram bastantes pais, mas depois não houve continuidade, isto é, as pessoas que apareceram nessa altura dispuseram-se a trabalhar para a Associação, mas depois...Houve alguns que apareceram, mas a maior parte não.	CP
EU- Nenhum de vocês faz essa função também? De representante da turma? Não...este ano não. Mas já tiveram essa experiência...	CP
HP1- Já fui outro ano.	CP
EU- É que eu gostaria de perceber como é que se sentiram nesse papel, dentro do Conselho de Turma, em que a maioria são professores.	
HP1- Eu posso falar! No 10º ano havia essa política de chamar os representantes dos pais, fazer-lhes um pequeno apanhado das características da turma e apresentar os professores. Nos restantes anos, infelizmente, isso aí não era prática habitual. Isto é, o Conselho de Turma eram só os professores. No Conselho Pedagógico, a Associação de Pais solicitou que isso fosse alterado e que se cumprisse o que estava na lei.	CP
EU- E isso foi quando, HP1?	CP
HP1- Este ano já, julgo eu.	
HP2- Mas este ano ninguém foi chamado!	CP
HP1- A informação que eu tenho, e está em acta, é que este ano chamaram! É essa informação que tenho!	
EU- Desculpem, mas antes só chamavam os pais das turmas de 10ºano?	
HP2- Só chamavam 10º ano e nos outros anos quando havia Conselhos disciplinares, o que torna o	

<p>papel dos representantes dos pais um bocado inglório. Porque é que vimos cá, se depois não nos chamam para nada? Só chamavam quando havia problemas graves. Eu acho que passa por muito mais do que isso, não é? Deve ser um elo de comunicação. Embora o representante dos pais, e falo pela minha experiência, não consiga comunicar com os outros pais. Há pessoas que têm o cuidado de transmitir quando têm contactos, mas depois não há “feedback”, não há nada...</p>	CP
<p>HP3- Esse “feedback” só surge quando há um problema grave na turma. Isso já tem acontecido. Não nesta escola, mas noutras escolas, e eu, quando exerci essa função, tive a preocupação de chamar os pais uma ou duas vezes por ano, e só quando havia problemas que precisavam mesmo de ser tratados é que aparecia uma percentagem elevada de pais, caso contrário apareciam aí 10%.</p>	CP
<p>EU- Então e esse sentir lá dentro? A HP1 também acabou por não falar disso...</p>	
<p>HP3- Quer dizer, as questões sobre as quais nos podemos pronunciar também são muito poucas, por norma são muito poucas, porque a maioria das questões são mais do foro do desenvolvimento escolar, não é? Avaliação... E isso impede-nos um pouco de nos pronunciarmos, digamos assim.</p>	CP
<p>EU- Acha que essa área mais curricular e pedagógica é com os professores...</p>	CP
<p>HP3- Não, acho é que é tratada pelos professores sobretudo.</p>	
<p>EU- Então acha que os pais também deviam ter mais voz nessas questões?</p>	CP
<p>HP3- Deviam ter, deviam ter mais intervenção.</p>	
<p>EU- Já lhe aconteceu apetecer-lhe ter mais intervenção?</p>	CP
<p>HP3- Ah, já! Muitas vezes.</p>	
<p>EU- Não dá para ilustrar um bocadinho?</p>	CP/
<p>HP3- Por exemplo, quando se fala de avaliação, pelo que eu conheço de avaliação, muitas vezes não estaria de acordo.</p>	CA
<p>EU- O que é que acha que estaria a falhar? Rigor, transparência?...</p>	
<p>HP3- Não, não. Às vezes há ali um certo “lobby” que os professores conseguem manter entre as avaliações e na forma como as fazem, com as quais eu não concordo.</p>	CA
<p>EU- Pronto! Fico com água na boca, mas está bem! Vamos ouvir a HP2.</p>	CP
<p>HP2- Pois, eu fui representante no 10º ano, mas não fomos chamados para nada.</p>	
<p>EU- Então mas não foi a nenhuma reunião?</p>	CP
<p>HP2- Fui à primeira, onde fui eleita. Portanto, a experiência mais fértil que tenho foi na escola anterior, na AG, onde também apareciam poucos pais, é verdade, mas aí eu achava que a participação dos pais ali era maior, apesar de tudo. Eu acho que os pais até ao 9º ano estão muito mais interessados com o percurso dos filhos.</p>	

<p>EU- Então a diferença terá a ver com a idade e não com a escola...</p>	<p>CP</p>
<p>HP2- Tem a ver com o relacionamento pais-filhos no desenvolvimento curricular da escola.</p>	<p>CP</p>
<p>HP3- E com a responsabilização também.</p>	
<p>HP2- Portanto, nós achamos que os filhos já são responsáveis por si próprios e só se houver problema...Quando os pais estão atentos...Quando estamos atentos, em casa vamos sabendo se alguma coisa corre mal. Aliás, até ao 9º ano mesmo com o Director de Turma íamos falando e depois as coisas mudam. Nos anos em que fui representante, costumava escrever e fazer fotocópias para que a minha filha entregasse aos colegas para levar para casa. Pensava eu ingenuamente que teria algum “feedback” dos pais... Não tinha. Achei que era a melhor forma – escrever uma notazinha sobre o que se tinha passado na reunião e pedir contributos para a próxima. Mas o que eu queria salientar era essa maior participação nessa fase e, propriamente nas reuniões, eu não creio que os professores achem que nós estamos a mais, mas acham que nós não fazemos bem parte... Desculpem, eu tenho esta opinião e até posso estar a ser injusta, mas é a percepção que tenho...</p>	<p>CP</p>
<p>HP4 – Desculpem, mas atrasei-me...</p>	
<p>EU- Eu não vou fazer stop, nós já estamos a meio; fazemos a sua apresentação a seguir.</p>	
<p>HP2- Eu penso que os professores têm a opinião de que os pais têm um trabalho em casa e de que o deles é na escola. Não descartam a possibilidades dos pais virem à escola, mas acham que não é essa a função deles; pelo menos isso não se traduz no momento em que estamos na reunião. Quando se fala da avaliação, e está também o representante dos alunos, não se sente ali um espírito de cooperação efectiva, é quase uma obrigação! Nós ouvimos e temos receio de intervir porque temos a sensação de invadir...eu tinha a sensação de estar a invadir um terreno que é dos professores. Nós estamos ali para os conhecer um bocadinho melhor, mas pára por ali, não é para participar activamente.</p>	<p>CA</p>
<p>EU- Então será que essas reuniões deveriam fazer-se em outros momentos, separando da avaliação, que é um campo delicado e que a própria lei reserva aos professores?</p>	<p>CA</p>
<p>HP2- Eu acho que a participação dos pais era importante na definição do Projecto...não sei se é educativo se é...</p>	<p>CA</p>
<p>EU- Projecto Curricular...</p>	
<p>HP2- Que vai para além da parte curricular apenas. Portanto na área de ...</p>	<p>CA</p>
<p>EU- Na Área de Projecto?</p>	<p>CA</p>
<p>HP2- Na Área de Projecto, por exemplo, em que os pais podiam intervir mais e enriquecer.</p>	<p>CA</p>
<p>EU- Vamos então apresentar o 4º elemento, que chegou atrasado, mas é muito bem-vindo evidentemente.</p>	<p>RSI</p>
<p>HP4- Sou mãe do Francisco que está no 12º ano, numa turma de Artes – ele quer ir para Arquitectura, vamos ver se as médias não sobem muito este ano!... De profissão sou psicóloga.</p>	<p>RSI</p>

EU- Funções representativas ou colaboração em algum projecto tem?	RSI
HP4- Nesta escola não. Tive noutras, mas nesta não.	
EU- Não, não vou perguntar se lhe chega a informação, que não seria elegante, já que todos os outros pertencem à Associação. Mas acabei por não perceber se todos os pais pertencem automaticamente à Associação...	CP
HP1- Não, têm que fazer inscrição.	CP
HP4- O meu marido é que está inscrito, porque ele é que está como encarregado de educação.	
EU- Ah, então têm uma base de dados com os sócios...	CP
HP1- Uma base de dados em papel! Temos lá as fichinhas...	
EU- E em percentagem serão quantos?	CP
HP1- Não sei, mas poucos...nem 10%...	
EU- Então, estávamos aqui à volta da representação dos pais, mas como não tem essas funções, vamos passar à seguinte e às razões por que puseram aqui os filhos.	CQ
HP3- Primeiro foi uma vontade própria do Daniel...	
EU- E de onde terá nascido essa vontade própria do Daniel?	CQ
HP3- Sentiu necessidade de vir para outro meio, até porque pretendia ficar em (a cidade) no ensino superior e sentiu que era altura de fazer a adaptação à cidade. E depois pelas condições da escola... Nós entendíamos que na escola que ele frequentava podia dar mais e muito mais do que aquilo que dava. De facto, confirmou-se...	CQ
EU- Conseguiu aqui muito mais...	
HP3- Sim, consegui melhores resultados, consegui... O que à partida não seria muito fácil, com o período de adaptação e com uma escola muito maior, com muito mais alunos... E como dizia há bocado a HP2, há essa particularidade das pessoas passarem a ser tratadas com muito mais responsabilidade; é-lhes imputada uma responsabilidade total, enquanto que na outra escola isso não acontecia – havia aquela perseguição quase diária de fazes não fazes, telefona ao pai, telefona à mãe...	CQ
EU- Mas vocês não gostam disso?	CQ
HP3- Não é que eu não goste; o Daniel é que não se sentia muito confortável com a ideia...	
EU- Sim, o Daniel, claro que não! Mas dêem-me o vosso ponto de vista...	CQ
HP3- O que é facto é que mesmo não andando em cima dos alunos, porque a escola não tem esse papel, o facto é que sempre que os pais querem esse “feedback” é-lhes transmitido e quando há pouco se falava do Director de Turma, eu de facto fiquei também surpreendido pela positiva com a acção da Directora de Turma. Embora seja um 12º ano, ela manteve-se sempre em contacto, comigo e com os outros pais. Logo no início do ano trocámos o correio electrónico e de facto,	CP

sempre que era necessário, ela contactava e eu contactava e, sem vir à escola, estava em contacto permanente. Portanto, faz-se, mas faz-se por outras vias, de uma forma mais discreta, sem que os alunos se sintam perseguidos...	
EU- HP2, e no caso da Helena, teve a ver com o curso de Artes?...	CQ
HP2- Sim, embora a QF também permitisse... Ah! Mas a QF também tem agora do 7º ao 9º e portanto era muita gente, muita miudagem... Portanto a opção foi por uma escola mais adulta, talvez.	CQ
HP4- Com o Francisco deixei-o à vontade. Penso que havia três escolas com Artes e a única coisa que eu disse foi que fosse a todas respirar o ar e ver qual o ambiente em que se sentia melhor!	
EU- E Ele fez isso?	CQ
HP4- E ele fez isso; veio cá com os colegas e gostou mais da Hefesto... Também vinham amigos e isso também terá contado... Eu penso que terá a ver com um ambiente mais urbano aqui.	
HP1- O meu filho gosta muito de matemática e esta é uma escola que tem bons professores de matemática... Pelo menos tem fama! Mas claro que na escola também se faz escola! A escola mais perto de casa era o DD, mas ele não tinha vontade nenhuma... E também a sensação, não passa disso claro, que os professores de lá baixaram um bocado os braços em puxar a sua escola, em fazê-la mais dinâmica... Havia o José Falcão, que na parte de ciências também se fala bem, não é? O Atena nem pensar, que ele não queria - "É uma escola de betinhos e eu não quero ir para essa escola, que coisa horrível!" Já agora, adianto que a minha filha para o ano queria vir para aqui, mas como se lhe meteu na cabeça que quer ir para Medicina e em Medicina contam as décimas, e também, é o que se diz, na Atena se conseguem melhores médias...	CQ
EU- No Atena conseguem-se melhores médias?!	CE
HP1- Se calhar é só preconceitos...	CE
EU- Portanto, vai para o Atena que é para ir para Medicina!	
HP1- É melhor não dizer, se não as pessoas ficam zangadas comigo...	RSI
EU- Eu não ponho os vossos nomes; vão todos ser codificados!	
HP1- Há o problema da Educação Física contar para a média. E há escolas onde os professores de Educação Física estão mais sensibilizados para essa questão... Acho que é importante, mas é um disparate contar para a média.	CE
EU- Então, e quando se diz que aqui há bons professores de matemática, como é que isso se ...	CE
HP1- Não sei... Se calhar porque conseguem formar bem os alunos... Mas também, claro que os professores não escolhem os alunos – cai-lhes tudo! Os bons e os maus! Até podem ser pessoas muito esforçadas e ...	CE
EU- Os professores não escolhem os alunos. E as escolas escolhem os alunos?	CE
HP1- Às vezes escolhem...	

HP4- Eu acho que actualmente já não escolhem tanto, porque há poucos alunos...	
EU- E quais é que escolhem, HP4?	CE
HP4- Os melhores em termos de notas.	
EU- OK! Mas eu gostava de perceber um bocadinho esta diferença de regulação social entre estas duas escolas tão próximas geograficamente - esta e a Atena, que já aqui referiram.	CA
HP1- Não se pode comparar, havendo cursos diferentes. Se houvesse os mesmos cursos, era fácil comparar... Mas por exemplo aqui há alunos com melhores médias que os alunos do Atena. O “ranking” manda, mas aqui há vários cursos...	
HP4- O que eu sinto relativamente ao Atena, e é por dois lados: por um, filhos de amigos que andaram ou que andam lá; por outro, porque como trabalho na parte da orientação vocacional tenho contactos com as escolas e com os alunos; e o que eu sinto relativamente àquela escola, e comparando estas duas, é que em termos de cultura de escola, lá há um grande apelo à explicação, isto é, no final do 1º período, já há pais aconselhados a meter os filhos em explicação: a matemática, a latim, a português... E eu aqui não noto tanto isso. O Francisco nunca falou disso e os amigos dele só aqueles que têm dificuldades pontuais. Enquanto que aqui, a amigos do Francisco, foi-lhes dito: “o professor está cá das tantas às tantas, vocês podiam vir tirar dúvidas”; e ele próprio, por exemplo a filosofia, que é a disciplina que menos gosta, o professor convidou-o também a vir algumas tardes para tirar dúvidas, lá é logo partir para a explicação. Portanto há aqui uma diferença na qualidade das escolas que para mim é muito significativa.	CQ
EU- A questão põe-se na disponibilidade do corpo docente para dar esse reforço e depois não ser necessária a explicação, é isso?	
HP4- Sim, e também noto nisto um maior profissionalismo da parte dos docentes de cá, não é? Porque chegar ao final do 1º período, alunos do 10º ano que estão a iniciar por exemplo Latim...é quase que assumir. “Eu não vou ser capaz de ensinar o seu filho!” Acho que é falta de profissionalismo e quando olho para os “rankings” e me lembro destas situações, que não são duas nem três, tenho algumas dúvidas em acreditar nesses números.	CQ
HP3- Eu só queria dizer que o “ranking” é estabelecido logo à partida, porque quando se falava há pouco da selecção de alunos, ainda hoje existe selecção de alunos e não é por acaso que há escolas que conseguem uma posição muito superior. De facto o nível dos alunos que têm entrada na escola é logo seleccionado à partida.	CQ
EU- Nem que seja naturalmente...	CQ
HP3- E muitas vezes não é naturalmente!	
EU- Esta escola podemos dizer que é inclusiva, integradora socialmente?	CQ
HP1- Eu acho que sim. Eles têm essa preocupação.	
EU- Nota-se em termos de linhas orientadoras?	CQ
HP1- Nota-se! Mesmo em termos do Conselho Pedagógico. Estão sempre preocupados se os alunos abandonam, e vão para a psicóloga intervir...Há uma grande preocupação de sinalizar	

<p>todos os casos de abandono ou que parecem ser... E mesmo de indisciplina. Quando as pessoas são malcriadas, se forem de um estatuto social elevado disfarçam melhor, não é? Agora se forem de um estatuto mais baixo...se não tiverem polimento, digamos assim... E aqui assim tenta-se contrariar e dizer: “Pronto, não são bem educados, mas temos que ter calma! E não queremos uma escola elitista! A escola é para ensinar toda a gente!”</p> <p>EU- Está bem claro, portanto!</p> <p>HP1- Está muito claro. Aliás até se ouve dizer: “Olha, se não querem estar aqui vão para uma escola de meninos... pronto, bem comportados...betos!”</p> <p>EU- Acho que essa expressão está a perder de moda...</p> <p>HP4- Mesmo assim continua a ser a pior coisa para se dizer aos meus filhos!</p> <p>HP2- Em relação a isto do Atena, eu não tenho a certeza absoluta, mas tenho indícios de que quase todos os professores dão explicações! Portanto, os seus alunos são meus explicandos e os meus alunos são seus explicandos. É verdade! Eles são aconselhados, como ela disse, e depois... A matemática acontece isso, a latim acontece isso...</p> <p>EU- Isso é difícil de verificar, não é, porque o mundo das explicações é muito subterrâneo, nada é declarado...</p> <p>HP2- Se se fizesse um inquérito aos alunos e se perguntasse quem são os explicadores...</p> <p>HP1- Eu queria falar sobre os “rankings”, porque eu sou a favor dos “rankings”. É claro que é preciso ler aquilo com muito cuidado, mas acho que não faz mal nenhum haver uma avaliação externa. A questão das explicações: eu acho que sempre houve explicações, a verdade é essa; desde que me lembro que as pessoas que tinham melhores médias tinham explicações! É claro que não é correcto haver uma cultura de escola nesse sentido, mas não sendo uma cultura de escola, as pessoas que têm dinheiro e que querem que os filhos tenham determinadas médias, põem-nos em explicações.</p> <p>EU- Sim e contra isso nada a fazer!</p> <p>HP1- E se o meu filho precisar...</p> <p>HP4- Mas a questão do precisar é que é um pouco diferente de escola para escola. Quando andava a estudar, é evidente que já havia colegas que tinham explicações, mas era para não ter negativa, para não reprovar, e agora alunos de 16 vão para a explicação para 18 e 19 – é diferente!</p> <p>EU- Vamos então entrar mesmo no assunto da auto-avaliação e podemos mesmo pegar daqui dos rankings e da avaliação externa. Em termos teóricos ou de princípios, o que pensam da avaliação das escolas, podendo logo fazer a relação entre esta externa e a interna, como chamam nesta escola?</p> <p>HP1- Eu acho muito importante uma auto-avaliação, até para os diversos pares perceberem o que se está a passar, porque eu acho que as pessoas não se apercebem, isto é, os professores fazem o seu trabalho com as turmas, mas mesmo no seu departamento não se apercebem da realidade</p>	<p>CQ</p> <p>CE</p> <p>CE</p> <p>CE</p> <p>CE</p> <p>PR</p> <p>PR</p> <p>PR</p> <p>PR</p> <p>CA</p>
--	---

<p>global. Havendo esse cuidado de quantificar... E eu confesso que me apercebi porque estou no Conselho Pedagógico, porque se não estivesse também não me tinha apercebido! Eu faço circular essa informação pelos membros da Associação e por outros pais, mas também não sei se as pessoas querem receber essa informação... Faço chegar essa avaliação que é feita, por turmas...o abandono...</p>	CA
<p>EU- A análise dos resultados das avaliações, é?</p>	CA
<p>HP1- Sim e a análise do abandono. E assim percebe-se o global. É como chegar a uma cidade e subir a um ponto mais alto ou andar de avião...Percebe-se, por exemplo, que há turmas difíceis...</p>	CA
<p>EU- Mas, HP1, a auto-avaliação ou avaliação interna não passa só pela análise dos resultados, tem uma componente mais lata, mais organizacional...</p>	II
<p>HP1- Eu dessa parte não me consigo aperceber.</p>	
<p>EU- Não? Mas esta escola lançou um dispositivo de auto-avaliação no ano anterior, além desse já usual...</p>	II
<p>HP1- Mas dessa parte não me apercebo. No Conselho Pedagógico não. Mas pode ser falta de capacidade minha para me aperceber...</p>	II
<p>EU- Então não houve no CP a apresentação de relatórios decorrentes dessa avaliação interna?</p>	
<p>HP1- Já não me lembro! Não tenho ideia, além dos resultados dos alunos...</p>	
<p>EU- Não foi uma coisa que chamasse a atenção...</p>	CG
<p>HP1- Também há uma coisa que tenho que dizer que é que a Assembleia não funciona. O Conselho Geral, agora...</p>	
<p>EU- Mas a questão do Pedagógico...</p>	CG
<p>HP1- O Pedagógico funciona bem! E como é habitual, quando o Pedagógico funciona bem, a Assembleia Geral é preterida. E aqui sucede isso. Mesmo quando houve agora a eleição para o Director, houve dois candidatos e um tinha um bom programa, exaustivo e nem sequer se ligou... Também acho que é uma política desta escola- não se liga nenhuma ao Conselho Geral.</p>	
<p>EU- Bem, eu vou reformular a questão: esta escola, de facto, montou um dispositivo de avaliação interna já o ano passado. O que eu pergunto é o que sabem disto: participaram na resposta a algum questionário, receberam algum “feedback” dessa avaliação...</p>	II
<p>HP3- Há um questionário ao qual respondemos, mas resultados não temos!</p>	II
<p>EU- Este ano?</p>	
<p>HP3- Sim, este ano lectivo.</p>	
<p>EU- Lembra-se quais eram os tópicos abordados?</p>	RD
<p>HP3- Não faço ideia! Tinha a ver com a escola... Mas não obtivemos qualquer interpretação dos resultados dos questionários. E às vezes o que me parece é que estas avaliações ficam mesmo por</p>	

<p>aqui. Fazem-se os inquéritos, poderão ou não HP4lisar-se os resultados dos inquéritos, mas a sua divulgação não chega ao público-alvo; é capaz de ficar dentro da organização mais directa da escola, mas não é dado conhecimento às pessoas interessadas no exterior da escola.</p>	
<p>EU- Sobretudo os pais, não é?</p>	RD
<p>HP3- Os pais e os alunos...E de facto penso que não cumpre o objectivo, porque para mim o objectivo principal é esse mesmo – é HP4lisar, divulgar e tomar medidas, tomar medidas no sentido de minimizar os erros cometidos. De facto a auto- avaliação serve muito para se poder proceder a correcções de tudo...</p>	PR
<p>EU- E a relação com a avaliação externa, como é que vê?</p>	PR
<p>HP3- Eu de facto entendo que é precisa e pertinente, porque acho que faz todo o sentido a escola conhecer a opinião externa em relação à sua própria escola.</p>	II
<p>HP2- Olhem, eu lembro-me de um inquérito em que tive imensa dificuldade, que eu me lembro, que eu não conseguia quase responder, porque eu não me revia, ou melhor, as perguntas que me estavam a fazer – como é que avalia... – e depois tinha uma pontuação – a sua participação...Bom, se eu não participo nesse órgão, como é que posso avaliar? Então a grande parte das perguntas era a minha não-participação, porque eu não sabia responder! Eu tive pena de não ter ficado com uma cópia...</p>	II
<p>EU- Essa não-participação não era por culpa sua...</p>	II
<p>HP2- Claro, porque se eu não tinha participação, não posso medir, não posso classificar, não é? Portanto, que eu me recorde... Estive até à noite, a tentar responder com honestidade...e tentava branquear um bocadinho – bem, posso dizer que participei um bocadinho - mas depois relia a pergunta e não se ajustava...</p>	ID
<p>EU- O inquérito estaria mal construído, é?</p>	ID
<p>HP2- Bom, ele tinha com certeza... ele estava orientado para um conjunto de respostas, para a participação nos órgãos em primeiro lugar, e isso eu percebo, mas depois tudo aquilo implicava que eu pertencesse aos órgãos.</p>	ID
<p>EU- Portanto, haveria áreas que gostaria que lhe perguntassem e que não perguntavam...</p>	
<p>HP2- Exactamente! Era mais nesse sentido!</p>	ID
<p>EU- Por exemplo?</p>	
<p>HP2- Por exemplo na Área de Projecto, nas questões mais práticas e mais organizacionais...Aí podíamos dar mais o nosso contributo... relacionado com a nossa actividade, com a nossa formação...</p>	
<p>EU- E tinha espaço para deixar comentários?</p>	II
<p>HP2- Não, eu depois escrevi o que eu considerava... Mas o que quero deixar é a minha angústia a tentar responder...</p>	II

HP4- Pois eu não me lembro desse questionário...	II
HP1- Desculpe lá! Este ano nem soube de nada, mas há dois anos foi pedida a colaboração da Associação de Pais e então pedimos para entregar aos representantes dos pais das turmas. Eles definiram uma amostra e por isso os outros não responderam...Se não, não tinham tempo para ver...	II
EU- Claro, tinha que ser uma amostra!	
HP1- Este ano nem sequer me apercebi que tenha havido isso...	RSI
HP2- Esta que falei foi nessa altura...	RSI
EU- Então, HP3, vai-se embora?!	
HP3- Tenho de ir! Estou mesmo já no limite...	PR
EU- Então só uma última antes de ir: o que é para si uma escola de qualidade?	
HP3- Isso tinha muito...	PR
EU- Ficava aqui mais uma hora, não era? Mas vamos tentar abreviar...	
HP3- Primeiro e desde logo é difícil medir a qualidade de uma escola! Numa escola tanto há bons alunos, como maus alunos, não sendo uma escola elitista.	PR
EU- Portanto, não ser elitista será uma qualidade?	PR
HP3- Sim, não ser elitista para mim faz parte de um padrão de qualidade! Obviamente! Se trazer para aqui só alunos com média acima de 18, todos os alunos que daqui saem, à partida, são todos bons alunos...	PR
EU- Portanto, acha que a escola tem essa função social de promover a equidade...	
HP3- Tem, tem! A equidade e alguma heterogeneidade em termos de alunos, porque de facto estamos a falar da preparação de pessoas que na sua vida futura vão encontrar-se com um público muito heterogéneo, não é verdade? Isso é logo uma das qualidades!	
EU- Então, a equidade não se liga apenas à justiça social, mas à própria formação...	
HP3- À própria formação dos alunos, sim! Agora a questão do próprio acompanhamento ao aluno, a forma como se trata o aluno, dentro da responsabilização... E já vivi situações em que isso de facto não acontece! Não nesta escola, mas nas outras com que tenho trabalhado. E de facto também depois a própria dinâmica da escola, o interesse dos alunos e dos professores pelos alunos... A disponibilização ou disponibilidade que os professores demonstram para os alunos nesta função extra-período laboral, as tais aulas de acompanhamento desenvolvidas fora do horário do professor... Tudo isso mostra a qualidade de uma escola e a vontade com que os próprios docentes estão na escola...E acho que está relacionado – a escola, cujo ambiente interno é suficientemente bem desenvolvido, bem tratado, permite que os professores também se esforcem e tenham vontade. Comportamento, gera comportamento!	PR
EU- Então, HP3, vou deixá-lo ir embora. Muito obrigada pelo seu contributo, que foi muito bom!	

<p>Então e nós vamos continuar nesta questão da qualidade, naturalmente sempre associada às questões da avaliação. O que pensam então ser os princípios de qualidade numa escola pública?</p> <p>HP2- Para além de concordar com o que o HP3 disse sobre a escola inclusiva, também acho que se deve pôr a questão da escola rigorosa. Por exemplo em relação aos horários – uma escola deve pautar-se pelo cumprimento rigoroso dos horários, porque cada vez mais as pessoas chegam atrasadas a tudo! Não há uma reunião que comece a horas! Mas é muito nosso e deve ser contrariado. Para os professores e para os alunos – o toque é para toda a gente. A minha filha é muito preguiçosa de manhã e um bocadinho indiferente no chegar aqui às 9 menos um quarto, quando entra às 8 e meia. E eu acho que às 8 e 35 devia ter falta! É engraçado...Só para completar rapidamente – ela vai para uma escola agora, que tem no regulamento interno “não são admitidos atrasos!” Como é que ela vai lidar com isto? Vamos lá a ver... Mas ela sempre diz: “Estás a chatear, quando o meu professor só vai chegar às 9 menos um quarto!” Por isso acho que deve haver uma cultura de rigor que começa por aí.</p>	<p>PR/ CC</p>
<p>EU- Mas que não se esgota aí...</p> <p>HP2- Não se esgota aí, mas é por onde é mais fácil começar. Depois há uma coisa muito positiva nesta escola – que eu só tenho a dizer bem desta escola! – a organização das viagens, das actividades extra. Foi extraordinário! Em todos os anos houve uma viagem, que correu bem, bem! Os miúdos foram a Londres, foram a Paris, foram a Madrid! Nas Artes não podiam ir a sítios mais importantes!</p>	<p>CQ</p>
<p>EU- Eram viagens de estudo...</p> <p>HP2- Viagens de estudo, organizadas por professores e acompanhadas por professores! Quer dizer, se correu bem no 1º ano, se correu bem no 2º e corre bem no 3º é porque tem uma boa organização! Portanto, para mim, uma boa organização é símbolo de qualidade!</p>	<p>CQ</p>
<p>HP4- Para além deste aspecto da escola inclusiva e de se aceitarem os alunos todos, quer para bem dos que seriam discriminados, quer para bem dos que não seriam e que aprendem na escola a desenvolver competências sociais, há a questão do rigor, com que concordo plenamente, mas também a qualidade a nível de ensino, ou seja, ter professores capazes de proceder a um desenvolvimento adequado do currículo. Quer dizer, como era a única coisa a que antes se atendia, agora acho que fica um pouco para trás e também continua a ser muito importante – a escola preparar bem os alunos!</p>	<p>PR</p>
<p>EU- A HP4 acha que fica para trás?</p>	<p>PR</p>
<p>HP4- Em determinadas situações eu às vezes vejo isso. As pessoas preocupam-se com tantas outras coisas... Mas é importante que os alunos saiam preparados do 12º ano, ou para a Universidade ou, no caso dos profissionais, para serem inseridos no campo do trabalho...</p>	<p>CAD</p>
<p>EU- Portanto, a avaliação da escola também se cruza com a avaliação dos professores...</p>	
<p>HP4- Eu ainda não percebi bem a avaliação dos professores. Acho que pouca gente terá percebido...</p>	<p>CAD</p>
<p>EU- Mas o âmago dessa avaliação será a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, esse que</p>	

refere como muito importante...	
HP4- Poderá ser a preocupação do ministério, mas a maneira como quer fazer... Bem, eu não iria por aí!	
EU- Mas na qualidade de uma escola, é importante a qualidade dos professores... A questão é como se promove e se regula isso...	PR
HP1- Não me passa pela cabeça pôr o meu filho numa escola em que os professores não tivessem qualidade! Eu ponho os meus filhos na escola, por mais furiosas que algumas pessoas fiquem, porque acham politicamente incorrecto, para os ensinarem, porque a parte social posso lhes dar eu! Agora a questão da formação é com a escola, que tem que ser rigorosa e tem que ser exigente e as pessoas têm que ser avaliadas – os alunos e os professores! Sobre esta avaliação não me pronuncio sobre ela, agora as pessoas têm que ser avaliadas em todas as profissões! Acho que é útil para elas e é útil para quem elas prestam serviços.	
EU- Portanto, a auto-avaliação também deverá cumprir essa função - assegurar que as coisas correm com normalidade e que há um núcleo de qualidade entre os professores. Será isso?	PR
HP2- Eu também acho que há aqui um bocadinho falta de rigor. Ou de exigência. Porque a preocupação das notas é muito grande; o professor tem muita dificuldade em “chumar” um aluno e acho que se está a perder um bocadinho de exigência em função dos resultados, ou da necessidade de apresentar resultados.	PR
EU- E acha isso errado...	PR
HP2- Quer dizer, um aluno tem que ser recuperado, não tem que ser beneficiado.	PR
HP4- Deve ser o aluno a ter a nota e não o professor a dar a nota.	
HP2- Exactamente! Mas eles estão a ser coagidos a actuar desta maneira, porque se não fazem, enfim...caí o Carmo e a Trindade!	CA
EU- Mas a minha questão é como se regula uma escola e, naturalmente, a actividade dos professores. A livre iniciativa dos professores, que até é muitas vezes defendida... Como é que a escola deve fazer para combinar esta livre iniciativa e a regulação colectiva?	CA
HP1- Mas eu não percebo essa da livre iniciativa...	CA
EU- O professor fazer aquilo que lhe apetece...	
HP1- Mas há um programa! E até acho que esse programa deve ser definido por quem tem mais capacidade para o definir. Porque, por exemplo, uma pessoa pega num livro... acho que é de educação tecnológica... e aquilo é ridículo...até é difícil acreditar no que lá está escrito! “Pedras, granitos e rochas!”	CA
EU- Mas o livro não foi feito pelos professores...	CA
HP1- Foi feito por alguém! E é um disparate completo! E os professores limitam-se a seguir aquilo!	
HP2- Nós sabemos que há manuais de má qualidade!	

<p>HP1- Eu só quero dizer que deve haver um bom programa, uma boa definição do programa, feito pelas pessoas melhores dessas áreas.</p>	CA
<p>EU- Mas o programa pode ser o mesmo, até o manual pode ser o mesmo e as escolas não têm os mesmos resultados. A questão é o que faz a diferença entre as escolas...</p>	
<p>HP1- Mas claro que alunos de famílias mais escolarizadas vão mais facilmente progredir, na sua carreira profissional ou nos seus estudos...</p>	CA
<p>EU- Mas a questão era mesmo essa, que as qualidades da escola sejam independentes da massa humana dos alunos que lá entra...</p>	
<p>HP1- Quer dizer, não estamos em ilhas! Até os relatórios da OCDE confirmam que ler e dominar a língua bem é fundamental para os resultados...</p>	
<p>EU- Bem, as questões principais estão postas, mas em relação à auto-avaliação, se tiverem alguma coisa mais que me ajude na percepção da importância dela para uma escola como esta...</p>	PR
<p>HP4- Portanto, o dispositivo desta escola eu não conheço, mas conheço outros observatórios de qualidade de escolas. Quando funciona bem, e o funcionar bem é analisar os resultados e divulgá-los, fazendo chegar a quem pode ter um papel relevante, isso pode ser importante. Não sei como é o dispositivo desta escola, mas já vi noutras funcionar. Por exemplo, chegou-se à conclusão que os funcionários participam pouco na vida da escola. Foi uma surpresa para as pessoas, para os próprios funcionários, que entre si não conversavam muito destas coisas, mas depois ali no questionário perceberam que de facto sentiam isso. E depois os alunos sentiam, os pais sentiam, os professores sentiam... E isto fez com que houvesse mudança, porque no ano a seguir já houve muito mais actividades no Plano de Actividades da Escola por iniciativa dos funcionários. Portanto, isto pode efectivamente fazer a escola mexer! Pode provocar uma mudança positiva.</p>	PR
<p>EU- Mais nada a declarar?</p>	
<p>HP1- Bem, se as pessoas reflectem sobre as coisas é-lhes mais fácil perceber o que é que está mal...Se não reflectem não chegam nunca a aperceber-se do problema...</p>	
<p>EU- Mas vocês sabem que os professores têm a sensação que estão sempre a avaliar e a regular e dizem que isto é mais uma papelada, uma burocracia. Para quê isto se o fazemos dia-a-dia no nosso quotidiano?</p>	PR
<p>HP1- Mas essa é a parte intuitiva; depois falta a quantificável!</p>	
<p>EU- Mas essa também pode ser muito tecnocrática, com os questionários que não apanham o importante, como se viu aqui...</p>	PR/ CAE
<p>HP1- Como sabe é difícil fazer questionários. E analisá-los! E depois é difícil pômo-nos no lugar do outro. Quando se está dentro da escola, lá enfiado naquela realidade, não se consegue ver de fora. Muitas vezes chego a uma terra pequena e digo assim: "Como é que eu saio daqui para ir para (a cidade)?" – "É sempre em frente!"- respondem, e claro que eu fico perdida e ando para lá à roda! E aqui acho que é um bocadinho isso. Dentro daquela realidade, é-lhe difícil perceber o que os outros estão a ver!</p>	CAE

EU- Isso prende-se mais com a necessidade de avaliação externa, mas que aqui foi adiada por causa das obras, não foi?

HP1- Acho que sim.

HP2- Pois, ia ser demasiada complicação...